

Comunicação para o III Congresso Português de Demografia

Título: Actividade e Inactividade em Portugal – análise da evolução entre 1998 e 2004 com base em tábuas transversais de actividade

Autores: José Rebelo dos Santos¹ e Maria Filomena Mendes²

Área temática: População activa, emprego e mercado de trabalho

Resumo

No âmbito de estudos sobre a evolução da população activa, a construção de tábuas de actividade, com uma metodologia de construção próxima da das tábuas de mortalidade, proporciona informação pertinente, quer sobre a esperança de vida activa, quer sobre as diferentes probabilidades de transição entre os estados de actividade e inactividade da população.

O objectivo é analisar a evolução da actividade e inactividade em Portugal entre 1998 e 2004.

Os dados são dos Inquéritos ao Emprego do Instituto Nacional de Estatística dos anos que integram o período em análise.

Em termos metodológicos esta análise é feita com base em tábuas transversais de actividade.

Os resultados dão conta de intensidade máxima entre os 30 e os 44 anos; verificando-se depois um decrescimento também bastante acentuado até um

¹ Professor Adjunto da Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal jrebelo@esce.ips.pt

² Professora Associada do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora mmendes@uevora.pt

ponto em que a actividade é quase igual a zero. De destacar a substancial menor participação da mulher na vida activa.

Palavras-chave: actividade, inactividade, tábuas de actividade, mercado de trabalho

Índice

Introdução	4
1. População Activa	5
2. Tábuas de Actividade e sua construção	8
2.1. Tábuas resumidas de Actividade para Portugal entre 1998 e 2004	10
Conclusão	19
Bibliografia	20

Introdução

A evolução demográfica condiciona a situação do mercado de trabalho, em particular a dimensão, composição e estrutura da população em idade activa e activa. No âmbito de estudos sobre a evolução da população activa, a construção de tábuas de actividade, com uma metodologia de construção próxima da das tábuas de mortalidade, fornece informação relevante, quer sobre a esperança de vida activa, quer sobre as diferentes probabilidades de transição entre os estados de actividade e inactividade da população. A metodologia de construção de tábuas de actividade tem em conta ainda a possibilidade de correcção por efeito da mortalidade, diferenciada por sexo e idade.

Neste estudo privilegiamos a análise transversal, na medida em que pretendemos avaliar as condições actuais do mercado de trabalho e as suas relações com a estrutura etária do momento. Tendo por base os dados dos IE's de 1998 a 2004, entre momentos consecutivos no tempo (separados por um ano civil), de acordo com a metodologia anteriormente explicitada, estimam-se as probabilidades de ser activo e inactivo, por sexo e idade a idade, corrigidas pelo efeito da mortalidade, tal como a probabilidade de transição entre diferentes estados de actividade em diferentes momentos do tempo. Esta análise permite-nos uma avaliação das variações do comportamento do mercado de trabalho em consequência (ou em articulação?) com as alterações na estrutura da população em idade activa e no modelo de mortalidade observado, por sexos e idades.

Se a população (activa e inactiva) constituísse no seu conjunto uma população fechada, ou seja, não sujeita aos efeitos das migrações, tanto o estudo da sua evolução como a elaboração de possíveis projecções, poderiam basear-se adequadamente na metodologia proposta, na medida em que esta contempla (ou considera), quer os novos ingressos no mercado de trabalho, quer os efeitos da mortalidade. No entanto, uma vez que se trata de uma população aberta, os

movimentos migratórios constituem uma ocorrência a considerar, com particular importância no caso português.

1. População activa

A classificação de um indivíduo em activo ou inactivo tem suscitado em determinadas situações inúmeras dúvidas. Nestes casos a inclusão numa ou noutra classe depende da sua própria atitude e da resposta ou indicações fornecidas ao inquiridor (Pressat, 1963). Embora, desde o início dos anos 60 do século XX aos nossos dias, muito se tenha feito no sentido da precisão do conceito, esta ideia continua muito actual. Mas vejamos o conceito de população activa vigente em Portugal.

Por população activa entende-se a população que exerce uma actividade económica (podendo estar empregada ou trabalhar por conta própria) ou a população em idade activa que se encontra desempregada (Carrilho, 1996). Embora não se explicita nesta definição a idade a partir da qual se pode exercer actividade económica e essa idade tenha variado ao longo do tempo, há restrições legais que impõem uma idade mínima para exercer essa actividade. Actualmente, essa idade é de 15 anos pelo que podemos definir população activa como o conjunto de “...*peessoas com mais de 15 anos disponíveis para trabalhar...*” (Bandeira, 2006, p. 16). A população inactiva é constituída pelo grupo de pessoas que não constitui a população activa, incluindo-se aqui os estudantes, os domésticos, os incapacitados permanentes para o trabalho (Bandeira, 2006), os reformados e todos os outros que não exercendo uma actividade económica, não se encontram disponíveis para o fazer.

Aquele grupo populacional assume grande importância numa perspectiva económica, uma vez que integra todos aqueles que são economicamente activos e produzem bens e/ou serviços, ou pelo menos estão disponíveis para o fazer (no caso de estarem desempregados).

São os activos e sobretudo os economicamente activos que necessariamente sustentam os não activos; além disso, é neste grupo populacional que se verifica a maior parte dos comportamentos planeados com repercussões na demografia, como sejam os casamentos, as uniões de facto, o planeamento de filhos e os divórcios.

O estudo da população activa em Portugal tem como principais fontes estatísticas os recenseamentos da população, cuja limitação principal reside no facto de se realizarem apenas de 10 em 10 anos (Bandeira, 2006). Como fontes alternativas existem (Bandeira 2006): a) o Inquérito Trimestral ao Emprego, do INE, que observa todas as pessoas com 15 e mais anos, e que se alicerça numa amostra de 21 mil grupos domésticos presentes no território nacional; b) o Inquérito ao Emprego Estruturado do Departamento de Estatística do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, com periodicidade trimestral que apenas observa trabalhadores por conta de outrem, com base numa amostra de estabelecimentos; c) as estatísticas do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) que têm como base os pedidos e ofertas de emprego que são registados nas delegações regionais do IEFP. Neste último caso, uma vez que se trata de um auto registo, as informações são limitadas não permitindo identificar o funcionamento do mercado de trabalho no seu todo (Kovács, 1998, citada por Bandeira, 2006). Por grupo doméstico ou agregado entende-se o conjunto de indivíduos que reside no mesmo alojamento e cujas despesas habituais em alojamento e alimentação são suportadas conjuntamente, independentemente de existirem, ou não, laços de parentesco (SET, 2003).

Uma medida utilizada para mensurar a relação entre a população activa e a população total é a taxa de actividade que se obtém precisamente através do quociente entre população activa e população total (INE, 2002). Este indicador também se designa por taxa bruta de actividade (Bandeira, 2006) e pode utilizar-se em alternativa a taxa global de actividade que mede a relação entre a população activa e a população em idade activa (Bandeira, 2006). A taxa global de

actividade constitui um indicador mais fiável ao limitar os efeitos da estrutura na medida da actividade, sendo usualmente utilizada nas publicações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), (Bandeira, 2006).

Na União Europeia (enquanto Europa dos 15 constituída pelos seguintes países: Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda, Portugal, Espanha, Suécia e Inglaterra), a taxa de actividade feminina tem sido sempre substancialmente inferior à taxa de actividade masculina, sendo a Finlândia o país que em 2000 registava uma diferença menos notória (48,1% contra 51,9%) e o Luxemburgo o país em que essa diferença era mais notória (37,7% contra 62,3%), (Feld, 2001).

Um dos actuais problemas da Europa diz respeito à necessidade de mobilizar a mão-de-obra para viabilizar o financiamento das reformas, uma vez que as taxas de actividade são muito baixas nalguns países da Europa, estando a ser propostos e alocados meios que façam aumentar a taxa de actividade (Feld, 2001).

Com efeito, e não obstante entre 1985 e 2000 se ter registado um aumento anual médio da população activa na Europa dos 15 de cerca de 0,7% (sendo em 2000 de quase 176 milhões de indivíduos), esse aumento deveu-se ao crescimento demográfico já que o crescimento das taxas de actividade foi quase sempre nulo e nalguns casos mesmo negativo (Feld, 2001). As perspectivas para as próximas décadas são preocupantes com quase todos os países a registarem diminuições expressivas a nível da população activa, ficando com valores iguais ou inferiores aos de 2000 (nalguns casos já a partir de 2014), (Feld, 2001).

2. Tábuas de Actividade e sua construção

Uma das formas de registo do ciclo de vida activa duma geração é por meio de uma tábua de actividade (Bandeira 2006), uma vez que a sua construção tem subjacentes “...as seguintes hipóteses:

1. *entra-se na vida activa após os 15 anos exactos, em qualquer momento ao longo da vida;*
2. *sai-se da actividade em qualquer momento ao longo da vida*” (Bandeira, 2006b, p. 21).

A tábua de actividade explicita os processos de entrada e saída da vida activa nas várias idades e é constituída pela série dos activos e pela série dos inactivos (Bandeira, 2006). As tábuas de actividade podem ser transversais (ou de momento) ou longitudinais, sendo construídas, no primeiro caso, com base no princípio da “coorte” fictícia e no segundo a partir da observação de um grupo de indivíduos durante no mínimo 60 anos, o que dificulta a sua concretização (Bandeira, 2006). A construção de tábuas de actividade tem subjacentes os mesmos critérios da construção de uma tábua de mortalidade.

As estimativas sobre a vida activa, quando se baseiam em tábuas resumidas do momento, dão conta sobretudo da evolução quantitativa dos activos, permitindo verificar o seu aumento ou diminuição ao longo do tempo, mas não identificando as causas subjacentes às eventuais alterações do número de activos. O desejável é que estas estimativas permitam calcular as probabilidades dos indivíduos de cada idade ou grupo de idades saírem da actividade por incapacidade ou morte, assegurando assim o cálculo das idades prováveis de saída da vida activa e permitindo calcular a esperança de vida activa (Nelson, 1983). Nesse sentido destaca-se a metodologia adoptada por Smith em 1977 (referida por Finch, 1983) cujo modelo incorpora explicitamente as probabilidades de entrada e saída do mercado de trabalho em cada idade ou grupo etário.

As probabilidades de ser activo ou inactivo em cada idade, de transitar de uma situação para a outra ou de morrer são quantificadas no modelo de Smith que tem ainda em conta as diferenças em função do sexo, podendo incorporar outros factores e permitindo calcular a esperança de vida activa média para uma determinada “coorte” (Smith, 1982).

É desejável que no estudo da taxa global de actividade ou da taxa bruta de actividade os cálculos sejam efectuados em separado para o sexo masculino e feminino (Bandeira, 2006), uma vez que existem disparidades que poderão enviesar a análise.

No âmbito da análise da actividade assumem portanto particular importância as tábuas de actividade. Estas tábuas permitem “...*aferir o peso da disponibilidade da população para a actividade económica a cada momento*” (Bandeira, 2006, p. 22).

Tanto o calendário como a intensidade da actividade calculam-se através duma tábua; a comparação de várias tábuas do momento, permite verificar a evolução temporal da disponibilidade para o exercício de actividades económicas (Bandeira, 2006).

A tábua de actividade “...*descreve os processos de entrada e de saída da actividade ao longo das idades e é constituída por duas séries: a dos inactivos (I_x) e a dos activos (A_x)*” (Bandeira, 2006, p. 21).

Com base na série de taxas de actividade chega-se à tábua de actividade a partir das fórmulas seguintes (Bandeira, 2006, p. 21):

$$A(x, x+a) = aax$$

$$I_{x+a} = I_x - A(x, x+a)$$

O calendário da actividade situa a distribuição dos activos numa “*coorte*”, em função da idade ou da duração em que ocorreram, e a intensidade da actividade mede a sua frequência total na “*coorte*”, correspondendo à situação em que o número de activos é máximo (Bandeira, 2006); ou seja, o calendário identifica o momento ou o período em que ocorre o fenómeno (Pressat, 1977), neste caso a actividade, e a intensidade quantifica a frequência com que ocorre o fenómeno (Pressat, 1977) de ser activo.

Após esta breve caracterização das tábuas de actividade e sua construção passamos a apresentar as tábuas construídas para o caso português entre 1998 e 2004.

2.1 Tábuas resumidas de Actividade para Portugal entre 1998 e 2004

Com base nos dados dos Inquéritos ao Emprego de 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003 e 2004 do Instituto Nacional de Estatística construíram-se as tábuas resumidas de actividade que se seguem e cujos dados passamos a analisar.

As tábuas resumidas relativas a 1998 (quadro 1) permitem verificar que, para a população total a proporção de activos vai aumentando até um ponto de intensidade máxima correspondente aos 30-34 anos completos, para em seguida começar a decrescer moderadamente até aos 45-49 anos completos, verificando em seguida um decréscimo muito mais acentuado.

A análise em função do sexo permite constatar que a proporção de activos masculinos é sempre superior à dos activos do sexo feminino; a intensidade máxima de actividade verifica-se no caso do sexo masculino aos 35-39 anos completos, correspondendo a 954 activos por mil indivíduos, e no caso do sexo feminino aos 25-29 anos completos, correspondendo a 811 activos em mil indivíduos.

Quadro 1 - Tábuas resumidas de actividade por sexo, em Portugal, 1998

1998	HM	HM	1998	H	H	1998	M	M
Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos
x	lx	Ax	x	lx	Ax	x	lx	Ax
14	1000	0	14	1000	0	14	1000	0
15-19	751	249	15-19	724	276	15-19	779	221
20-24	334	666	20-24	283	717	20-24	384	616
25-29	140	860	25-29	91	909	25-29	189	811
30-34	124	876	30-34	55	945	30-34	191	809
35-39	130	870	35-39	46	954	35-39	209	791
40-44	145	855	40-44	51	949	40-44	234	766
45-49	174	826	45-49	64	936	45-49	278	722
50-54	274	726	50-54	123	877	50-54	411	589
55-59	393	607	55-59	226	774	55-59	542	458
60-64	566	434	60-64	446	554	60-64	669	331
65-69	733	267	65-69	650	350	65-69	801	199
70-74	804	196	70-74	740	260	70-74	853	147
75 e mais	907	93	75 e mais	862	138	75 e mais	934	66

Fonte: Eurostat (cálculos do autor)

As tábuas de actividade relativas a 1999, que correspondem ao quadro 2, evidenciam uma vez mais que a intensidade de actividade para a totalidade da população potencialmente activa aumenta até um ponto máximo que ocorre para indivíduos entre 30 e 34 anos completos; comparativamente a 1998 constata-se um ligeiro incremento da actividade neste ponto máximo (0,883 em 1999, contra 0,876 em 1998).

Quadro 2 - Tábuas resumidas de actividade por sexo, em Portugal, 1999

1999	HM	HM	1999	H	H	1999	M	M
Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos
x	lx	Ax	x	lx	Ax	x	lx	Ax
14	1000	0	14	1000	0	14	1000	0
15-19	764	236	15-19	737	263	15-19	791	209
20-24	340	660	20-24	281	719	20-24	399	601
25-29	143	857	25-29	80	920	25-29	206	794
30-34	117	883	30-34	58	942	30-34	175	825
35-39	136	864	35-39	53	947	35-39	215	785
40-44	137	863	40-44	50	950	40-44	220	780
45-49	179	821	45-49	76	924	45-49	275	725
50-54	259	741	50-54	115	885	50-54	389	611

55-59	387	613	55-59	249	751	55-59	510	490
60-64	558	442	60-64	456	544	60-64	646	354
65-69	753	247	65-69	679	321	65-69	815	185
70-74	810	190	70-74	756	244	70-74	851	149
75 e mais	898	102	75 e mais	846	154	75 e mais	930	70

Fonte: Eurostat (cálculos do autor)

Os activos masculinos continuam a ser substancialmente mais do que os femininos e regista-se uma ligeira diminuição da intensidade máxima da actividade masculina que passa a verificar-se no grupo etário 40-44 anos completos; pelo contrário, no caso do sexo feminino verifica-se um incremento em relação à intensidade máxima da actividade que passa a ocorrer entre os 30-34 anos completos e a cifrar-se em 0,825.

As tábuas resumidas respeitantes a 2000 (quadro 3) demonstram que a intensidade máxima de actividade ocorre entre os 30-34 anos completos para a população em geral, tal como nos anos anteriores, verificando-se em 2000 uma diminuição pouco substancial dessa intensidade.

Quadro 3 - Tábuas resumidas de actividade por sexo, em Portugal, 2000

2000	HM	HM	2000	H	H	2000	M	M
Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos
x	lx	Ax	x	lx	Ax	x	lx	Ax
14	1000	0	14	1000	0	14	1000	0
15-19	766	234	15-19	731	269	15-19	802	198
20-24	364	636	20-24	300	700	20-24	429	571
25-29	128	872	25-29	93	907	25-29	164	836
30-34	121	879	30-34	56	944	30-34	186	814
35-39	123	877	35-39	66	934	35-39	178	822
40-44	144	856	40-44	58	942	40-44	227	773
45-49	169	831	45-49	71	929	45-49	263	737
50-54	255	745	50-54	118	882	50-54	382	618
55-59	402	598	55-59	273	727	55-59	516	484
60-64	539	461	60-64	439	561	60-64	626	374
65-69	730	270	65-69	651	349	65-69	795	205
70-74	816	184	70-74	760	240	70-74	859	141
75 e mais	893	107	75 e mais	831	169	75 e mais	931	69

Fonte: Eurostat (cálculos do autor)

O sexo masculino continua a revelar uma ligeira quebra da intensidade máxima de actividade que passa a ocorrer nos 30-34 anos completos, enquanto no sexo feminino a intensidade de actividade continua a aumentar, ocorrendo nos 25-29 anos completos e consubstanciando-se numa intensidade de 0,836, contra 0,825 no ano anterior.

Quadro 4 - Tábuas resumidas de actividade por sexo, em Portugal, 2001

1998	HM		1998	H		1998	M	
Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos
x	Ix	Ax	x	Ix	Ax	x	Ix	Ax
14	1000	0	14	1000	0	14	1000	0
15-19	757	243	15-19	728	272	15-19	787	213
20-24	343	657	20-24	273	727	20-24	414	586
25-29	140	860	25-29	97	903	25-29	183	817
30-34	116	884	30-34	64	936	30-34	168	832
35-39	120	880	35-39	51	949	35-39	187	813
40-44	133	867	40-44	56	944	40-44	208	792
45-49	163	837	45-49	71	929	45-49	250	750
50-54	233	767	50-54	122	878	50-54	337	663
55-59	420	580	55-59	289	711	55-59	536	464
60-64	543	457	60-64	441	559	60-64	633	367
65-69	714	286	65-69	626	374	65-69	787	213
70-74	803	197	70-74	739	261	70-74	852	148
75 e mais	890	110	75 e mais	837	163	75 e mais	923	77

Fonte: Eurostat (cálculos do autor)

O ano 2001 (quadro 4), de acordo com as tábuas resumidas de actividade, revela um pequeno incremento da intensidade máxima de actividade que ocorre nos 30-34 anos completos e se consubstancia em 0,884.

A intensidade da actividade masculina sofre também um ligeiro incremento e ocorre nos 35-39 anos completos. Em relação ao sexo feminino, a intensidade máxima de actividade é conseguida nas idades entre 30-34 anos completos e corresponde a uma diminuição, ainda que pouco expressiva.

Em 2002 (quadro 5), continuou a verificar-se um incremento da intensidade de actividade que ocorreu de novo nos 30-34 anos completos e correspondeu a um

aumento da intensidade de actividade, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino, no caso dos homens a intensidade máxima ocorreu no grupo etário dos 35-39 anos completos e nas mulheres nos 25-29 anos completos.

Quadro 5 - Tábuas resumidas de actividade por sexo, em Portugal, 2002

2002	HM	HM	2002	H	H	2002	M	M
Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos
x	Ix	Ax	x	Ix	Ax	x	Ix	Ax
14	1000	0	14	1000	0	14	1000	0
15-19	762	238	15-19	713	287	15-19	813	187
20-24	330	670	20-24	272	728	20-24	389	611
25-29	129	871	25-29	96	904	25-29	161	839
30-34	109	891	30-34	57	943	30-34	162	838
35-39	124	876	35-39	46	954	35-39	201	799
40-44	138	862	40-44	55	945	40-44	218	782
45-49	166	834	45-49	78	922	45-49	250	750
50-54	225	775	50-54	118	882	50-54	325	675
55-59	380	620	55-59	254	746	55-59	491	509
60-64	553	447	60-64	453	547	60-64	640	360
65-69	726	274	65-69	664	336	65-69	778	222
70-74	792	208	70-74	722	278	70-74	846	154
75 e mais	880	120	75 e mais	818	182	75 e mais	919	81

Fonte: Eurostat (cálculos do autor)

No ano de 2003 (quadro 6), as tábuas resumidas de actividade revelaram novo aumento da intensidade de actividade, cujo ponto máximo passou a ser de 0,911 tendo-se mantido no grupo etário 30-34 anos completos.

Quadro 6 - Tábuas resumidas de actividade por sexo, em Portugal, 2003

2003	HM	HM	2003	H	H	2003	M	M
Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos
x	Ix	Ax	x	Ix	Ax	x	Ix	Ax
14	1000	0	14	1000	0	14	1000	0
15-19	781	219	15-19	740	260	15-19	823	177
20-24	358	642	20-24	326	674	20-24	390	610
25-29	126	874	25-29	102	898	25-29	150	850
30-34	89	911	30-34	50	950	30-34	128	872
35-39	104	896	35-39	51	949	35-39	155	845
40-44	139	861	40-44	64	936	40-44	212	788

45-49	163	837	45-49	79	921	45-49	244	756
50-54	235	765	50-54	126	874	50-54	338	662
55-59	369	631	55-59	248	752	55-59	477	523
60-64	561	439	60-64	454	546	60-64	654	346
65-69	733	267	65-69	676	324	65-69	781	219
70-74	794	206	70-74	722	278	70-74	850	150
75 e mais	882	118	75 e mais	819	181	75 e mais	920	80

Fonte: Eurostat (cálculos do autor)

A intensidade da actividade foi máxima no sexo masculino nos 30-34 anos completos e sofreu um pequeno abrandamento; também no sexo feminino se verificou um ponto máximo nos 30-34 anos completos havendo lugar, neste caso, a um aumento expressivo da intensidade de actividade que passou de 0,839 para 0,872.

Em 2004 (quadro 7), a intensidade máxima de actividade para a população total foi de 0,900 e verificou-se no grupo etário 35-39 anos completos; este valor expressa uma diminuição da intensidade de actividade.

Quadro 7 - Tábuas resumidas de actividade por sexo, em Portugal, 2004

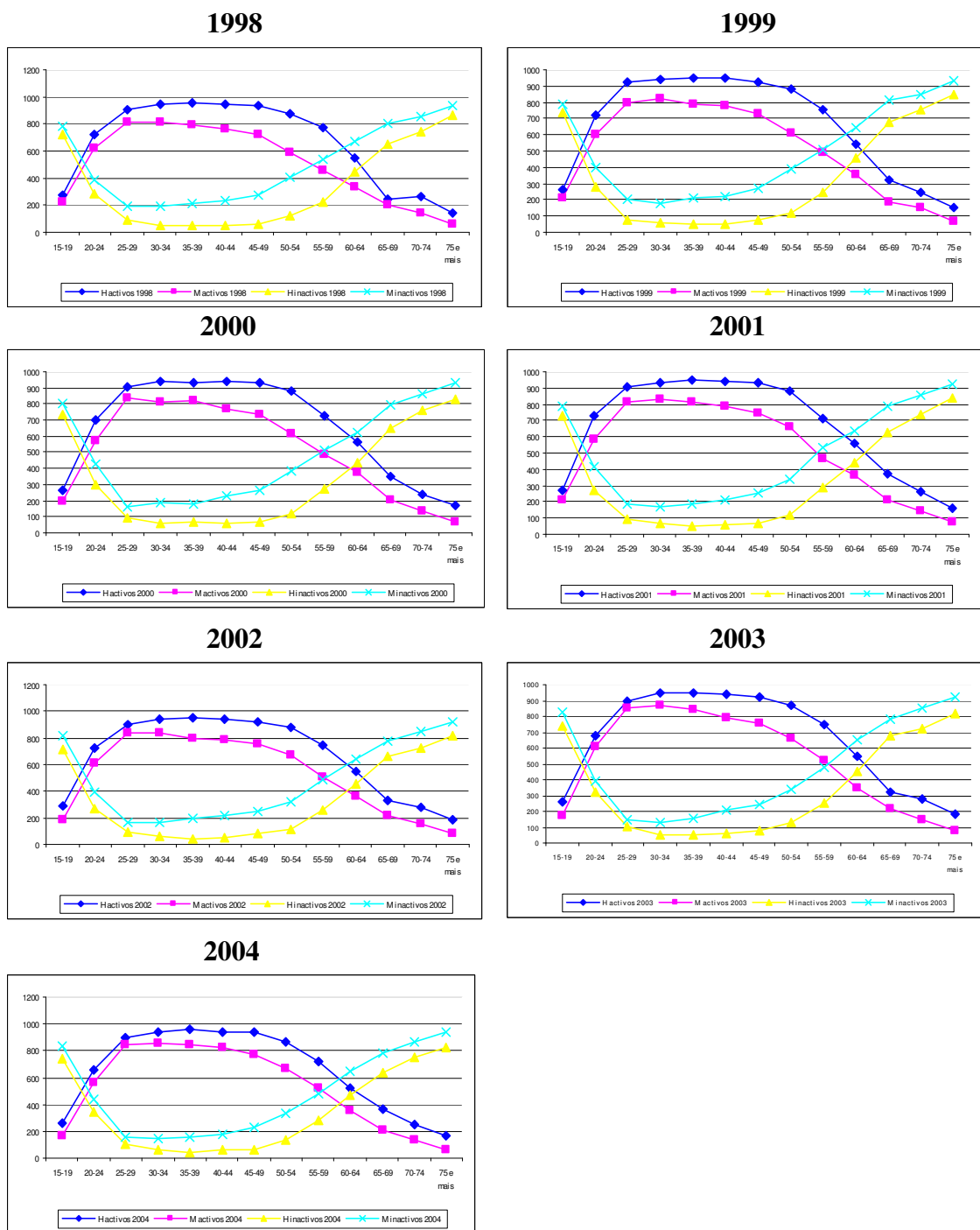
2004	HM	HM	2004	H	H	2004	M	M
Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos	Idade em anos completos	Inactivos	Activos
x	Ix	Ax	x	Ix	Ax	x	Ix	Ax
14	1000	0	14	1000	0	14	1000	0
15-19	789	211	15-19	743	257	15-19	837	163
20-24	388	612	20-24	340	660	20-24	436	564
25-29	131	869	25-29	103	897	25-29	160	840
30-34	101	899	30-34	58	942	30-34	144	856
35-39	100	900	35-39	45	955	35-39	154	846
40-44	119	881	40-44	63	937	40-44	174	826
45-49	147	853	45-49	64	936	45-49	228	772
50-54	236	764	50-54	137	863	50-54	329	671
55-59	385	615	55-59	284	716	55-59	476	524
60-64	565	435	60-64	474	526	60-64	645	355
65-69	717	283	65-69	635	365	65-69	786	214
70-74	815	185	70-74	750	250	70-74	865	135
75 e mais	897	103	75 e mais	828	172	75 e mais	939	61

Fonte: Eurostat (cálculos do autor)

No caso dos homens, o ponto máximo de actividade foi de 0,955 tendo ocorrido no grupo 35-39 anos completos; no caso das mulheres, a intensidade máxima (0,856) ocorreu para o grupo etário 30-34 anos completos.

Procurando sintetizar os resultados da intensidade de actividade e inactividade por sexo entre 1998 e 2004, apresenta-se a figura seguinte que revela um crescimento bastante acentuado da actividade, registando-se intensidade máxima entre os 30 e os 44 anos; verifica-se depois um decrescimento também bastante acentuado até um ponto em que a actividade é quase igual a zero. De destacar a substancial menor participação da mulher na vida activa.

Figura 1 – Evolução da actividade e inactividade por sexo e grupo etário, de 1998 a 2004



Fonte: Eurostat (cálculos do autor)

No caso da inatividade e conforme se pode verificar na figura 1, a partir dos 15-19 anos completos, regista-se uma diminuição progressiva, ocorrendo o ponto mínimo entre os 30 e os 44 anos completos; de seguida, começa a ocorrer um aumento de inatividade bastante acentuado que culmina teoricamente com

inactividade “1”, nos grupos etários em que ninguém esteja activo conforme refere Bandeira (2006).

A análise da inactividade por sexo entre 1998 e 2004, mostra um comportamento inverso ao da actividade. Como se pode verificar a inactividade feminina é sempre consideravelmente superior à masculina.

Calculando a relação entre o somatório das probabilidades de estar activo em cada idade (ou grupo de idades) e a probabilidade máxima de estar activo, obtém-se a esperança de vida activa “*va*”, no caso de se tratarem de tábuas resumidas em que os resultados se encontram agrupados por grupos de idades quinquenais, o somatório anterior deverá ser multiplicado por 5 (Bandeira, 2006b). As fórmulas seguintes expressam os dois modos de cálculo, respectivamente (Bandeira, 2006, p. 23):

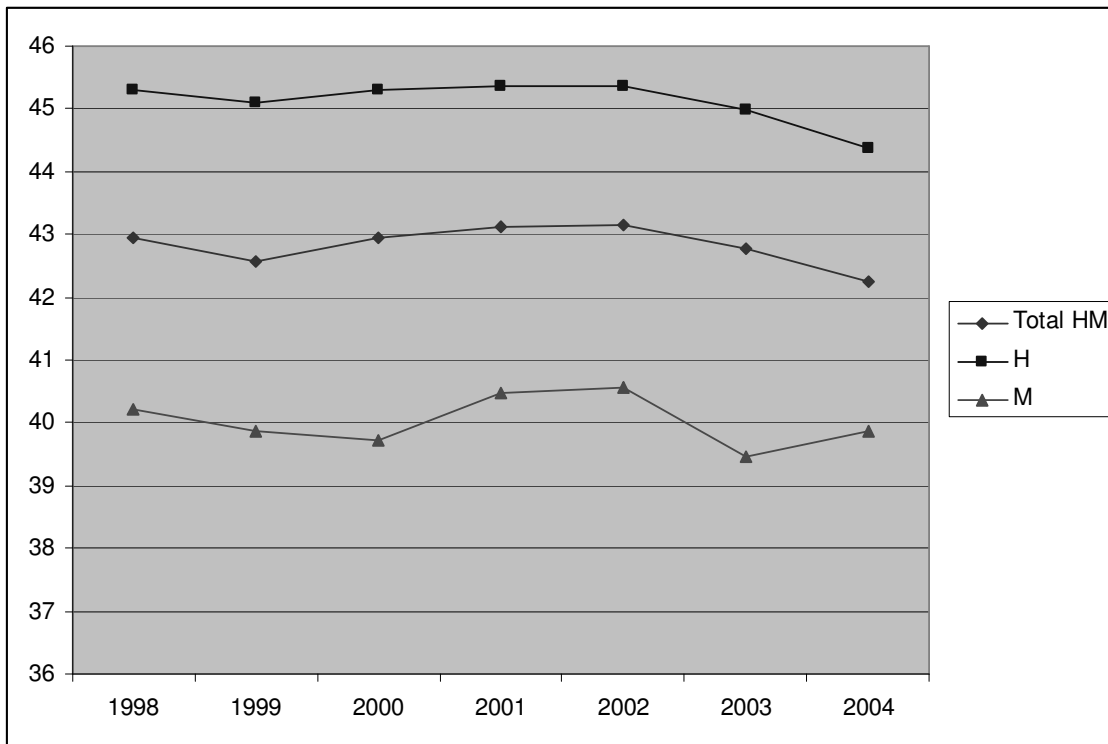
de cálculo, respectivamente (Bandeira, 2006b, p. 23):

$$va = \Sigma^{Ax} / I$$

$$va = \Sigma^{Ax.5} / I$$

Como é visível na figura 2, tendo em conta a actividade em todas as idades a partir dos 15 anos, a esperança de vida activa regista-se um pequeno decréscimo, quer no caso dos homens, quer no das mulheres (nos homens a esperança de vida activa passa de 45,30 para 44,36 e nas mulheres de 40,22 para 39,86).

Figura 2 – Evolução da esperança de vida activa por sexo, de 1998 a 2004



Fonte: Eurostat (cálculos do autor)

Embora se tenha reduzido neste intervalo de tempo a disparidade entre a esperança de vida activa masculina e feminina, mesmo em 2004, o diferencial continua a ser substancial. Como é patente não se identificam diferenças substanciais neste reduzido período de tempo.

Conclusão

A actividade e inactividade em Portugal seguem padrões aproximados ao da generalidade dos países da União Europeia com maior taxa de actividade entre os 30 e os 44 anos. Como na Europa também em Portugal a taxa de actividade masculina é substancialmente superior à feminina qualquer que seja a idade em análise.

As tábuas resumidas de actividade que construímos para o período entre 1998 e 2004 não apresentam variações substanciais ao longo do período analisado revelando certa regularidade.

Como evidenciam estas tábuas de actividade, a probabilidade de ser activo ou de transitar de inactivo para activo aumenta substancialmente dos 16 aos 25 anos exactos, para depois revelar alguma estabilidade até cerca dos 45 anos exactos; nas idades subsequentes, a probabilidade de ser activo vai decrescendo gradualmente até um ponto em que a actividade tende para zero. Verifica-se que a probabilidade de ser activo é sempre maior nos homens do que nas mulheres. O desenvolvimento do estudo das tábuas de actividade constitui um dos importantes contributos da demografia para a compreensão da actividade e do mercado de trabalho.

Bibliografia

BANDEIRA, Mário Leston, (2006), “*Demografia, Actividade e Emprego*”, in **Sociologia Problemas e Práticas**, nº52, 2006, CIES,ISCTE/CELTA, pp. 11-39;

CARRILHO, Maria José, (1996), “*População activa, conceito e extensão através dos Censos*”, in: **Revista de Estatística**, 3º quadrimestre de 1996, nº 3, Lisboa, INE, pp. 71-88;

FELD, Serge, (2001), **Trends of Labour Force in the European Union (2000-2025) and International Movements of Manpower. First Outlook**, in

http://www.iussp.org/Brazil2001/s30/S38_P09_feld.pdf;

FINCH, John L., (1983), “*Worklife estimates should be consistent with known labor force participation*”, in **Monthly Labor Review**, June 1983, pp. 34-36;

INE, (2002), **Inquérito ao Emprego, Questionário 2002**, Lisboa, INE;

NELSON, David M., (1983), "*The use of worklife tables in estimates of lost earning capacity*", in **Monthly Labor Review**, April 1983, pp. 30-31;

PRESSAT, Roland, (1963), "*La population active en France. Premiers résultats du recensement de 1962*", in **Population**, Année 1963, Volume 18, Numéro 3, pp. 473-488;

PRESSAT, Roland, (1977), "*Pour une vision unifiée des méthodes de l'analyse démographique*", in **Population**, Année 1977, Volume 32, Numéro H-S, pp. 35-51;

SET, (2003), **Inquérito ao Emprego, Microdados Anonizados (formato SPSS), 2003, Documento de Apoio**, Lisboa, DES do INE;

SMITH, Shirley J., (1982), "*New worklife estimates reflect changing profile of labor force*", in **Monthly Labor Review**, March 1982, pp. 15-20.